O BRINCAR E O SEU MÉRITO NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

IVONE ANTÔNIA DOS SANTOS

RESUMO
O objetivo deste artigo é permitir ao leitor uma visão do processo de instalação e reconhecimento da educação infantil no Brasil, enfocando-se as concepções assistencialista e compensatória da educação. Permite também que ao leitor uma compreensão do atual significado de infância e de criança na sociedade moderna. Deste modo debruçaremos sobre a importância do brincar na educação infantil, descreveremos também como a escolarização da educação infantil cria muros para o desenvolvimento das crianças de 0 á 6 anos. A criança desenvolve-se pela experiência que institui desde pequena. Essa experiência da realidade é essencial para que se tenha uma visão maior do mundo em que vive e alcance uma relação satisfatória na infância, adquirindo novas descobertas. A brincadeira proporciona à criança desenvolver sua cognição, como: a memória, o raciocínio, a criatividade, pois ela aprende brincando.
PALAVRAS-CHAVE: brincar, infância , educação infantil.

INTRODUÇÃO

A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, a educação foi reconhecida como um direito de todas as crianças e um dever do Estado. Houve uma expansão do número de escolas e uma melhoria na formação dos profissionais.
Também na década de 90, com a promulgação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), os direitos das crianças foram concretizados.
E, finalmente, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB de 1986, a educação infantil é reconhecida como etapa inicial da educação básica. A educação infantil passa a ser vista por um novo ângulo, valorizando-se a criança e a sua cultura, considerando-a ativa e capaz de construir o seu próprio conhecimento. O professor passa a assumir um novo papel, o de mediador entre a criança e o mundo. A família é co-participante do processo de ensino-aprendizagem. Os conteúdos são desenvolvidos de maneira lúdica, respeitando-se a bagagem cultural de cada um. Foi criado, inclusive, um Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, de maneira a levar a todas as escolas novas propostas pedagógicas diretamente voltadas para a criança tal como ela é.

BRINCAR É MUITO IMPORTANTE

Através das brincadeiras a criança entra em contato com o mundo, se desenvolve, estimula sua criatividade, adquire novas habilidades, socializa, entra em contato com regras, bem como, se expressa e se comunica. A brincadeira dá espaço para a criança transformar a magia de sua imaginação em realidade e entrar em contato com momentos valiosos e enriquecedores.Brincadeira é Coisa Séria.

Os brinquedos, as brincadeiras e o brincar fazem parte das vivências e experiências das crianças,uma criança que brinca tem maior espaço para se tornar um adulto criativo e também socializa e se expressa com mais facilidade.
W. Winnicott dedicou muitos de seus estudos à importância do brincar, em sua obra "O Brincar e a realidade" (Imago, 1975) ele cita:

> É no brincar e talvez apenas no brincar que a criança ou o adulto fluem sua liberdade de criação e podem utilizar sua personalidade integral e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu".

O brincar possibilita o desenvolvimento de uma relação de proximidade e confiança, dando espaço para que ela se expresse, ressignifique suas vivências, elabore seus sentimentos e se sinta acolhida e integrada no ambiente no qual ela está sendo inserida.
O brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil, pois estimula as habilidades cognitivas, sociais, físicas, emocionais e afetivas, além de promover a criatividade e a autonomia. Através das brincadeiras, as crianças aprendem sobre o mundo, formam

conceitos, socializam-se, resolvem conflitos, fortalecem o raciocínio e o senso crítico, tornando-se mais preparadas para a vida.

Desenvolvimento Integral

Cognitivo: O brincar ajuda a criança a formar o pensamento, construir conceitos, selecionar ideias, desenvolver o raciocínio e o senso crítico.

Social e Emocional: É na brincadeira que a criança aprende a cooperar, compartilhar, respeitar outras pessoas e a lidar com as emoções, desenvolvendo habilidades socioemocionais.

Físico: Atividades como correr e pular são essenciais para o desenvolvimento motor, fortalecimento de ossos e músculos, melhora da saúde cardiovascular e prevenção do sedentarismo.

Aprendizagem e Autonomia

Conhecimento do Mundo: A criança usa o brincar para explorar, descobrir e entender o mundo ao seu redor, compreendendo como as coisas funcionam.

Criatividade e Imaginação: O faz de conta, em particular, permite que a criança use sua imaginação para representar o mundo real, desenvolver soluções criativas e pensar "fora da caixa".

Autonomia e Confiança: Ao enfrentar desafios e resolver conflitos nas brincadeiras, a criança constrói sua autonomia e autoestima, o que lhe dá mais confiança para lidar com o mundo.

Papel da Família e da Escola

Ambiente Lúdico: É importante que adultos promovam um ambiente propício para a brincadeira, seja com brinquedos simples ou explorando objetos do cotidiano.

Intervenção na Educação: Escolas e educadores devem planejar e organizar espaços e atividades que estimulem a brincadeira, aproveitando seu potencial para o aprendizado.

Direito à Brincadeira: O direito à brincadeira é assegurado por lei no Brasil, como no Estatuto da Criança e do Adolescente, sendo crucial para a formação integral do indivíduo.

O BRINCAR NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Toda criança tem o direito de brincar. Esse direito se apresenta como um dos direitos da cidadania, como o direito à cultura, à arte, ao esporte e ao lazer, mas sabemos que, hoje, muitas crianças encontram-se desprovidas desse direito e privadas da própria infância. Elas não brincam tanto como antigamente. O Referencial Curricular da Educação Infantil especifica vários aspectos, dentre eles, o do brincar:

> A qualidade das experiências oferecidas que podem contribuir para o exercício da cidadania, respeitando-se as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de zero a seis anos, devem estar embasadas nos seguintes princípios: O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas, etc.; O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento,interação e comunicação infantil; O acesso das crianças aos bens sócio culturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação, ao pensamento, à ética e à ciência.
>
> A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma; O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL, 1998, p.23).

O tempo das crianças ficou curto com tantas atividades que até mesmo os pais propõem aos filhos a fazerem, como, por exemplo: aulas de inglês, aulas de música, aulas de natação, aulas de computação, etc. Claro que todas as atividades são importantes, mas é necessário deixar um tempo do dia para as crianças brincarem. Elas vivenciarão o seu mundo infantil de forma plena.

O mundo moderno vem nos desapropriando das atividades lúdicas, trazendo intrinsecamente um pensamento cada vez mais centrado nas ideias de trabalho, produção e seriedade. Mas, independentemente da classe social, toda a criança sente a necessidade de brincar e desenvolver atividades gostosas e prazerosas. Como negar à criança a apropriação desse tempo e desse espaço dela? É no brincar que a criança ou adulto fluem de sua liberdade de criar e interagir com o mundo. O brincar é a oportunidade

de a criança ser o que realmente é, adquirindo conhecimentos.

A brincadeira é uma atividade fundamental para as crianças, e é preciso pensar, também, no brincar no contexto escolar, na relevância da mediação para que a criança brinque com qualidade. Para que a brincadeira na escola seja interessante para as crianças, o professor tem grande responsabilidade. A perspectiva histórico-cultural tem a mediação como grande contribuição para o aprendizado, apesar de ser difícil encontrar um conceito para o termo.

De acordo com Molon (2000), esse fato acontece por não se tratar de um conceito, mas de um pressuposto norteador de todo seu arcabouço teórico-metodológico. "A mediação é processo, não é o ato em que alguma coisa se interpõe; mediação não está entre dois termos que estabelece uma relação. É a própria relação" (MOLON, 2000, p.10). Na ideia de Vigotsky (2007), a utilização de signos e a mediação são funções que distinguem o homem dos outros animais.

Na escola, percebe-se a importância da atuação do professor como mediador, como um elemento intermediário, externo: uma "ferramenta auxiliar da atividade humana" (OLIVEIRA, 1993, p. 27).

A mediação, para Vigotsky, consiste em fazer de um processo simples de estímulo-resposta, um ato complexo por ser mediado, em que a relação deixa de ser direta e passa a ter a intervenção de um elemento externo. O autor vai relacionar a ideia de mediação com a sua função pedagógica, o professor se coloca no papel de mediador na relação existente entre a criança e seu desenvolvimento:

A intervenção pedagógica provoca avanços que não ocorreriam espontaneamente, a importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com um postulado básico de Vigotski: a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança.

A aprendizagem desperta processos internos de desenvolvimento que só podem ocorrer quando o individuo interage com outras pessoas (OLIVEIRA, 1993, p. 33).

A mediação pedagógica se destaca das interações cotidianas pela intencionalidade da ação. Fontana (2000) explica que nas interações escolarizadas, a orientação é deliberada e explícita, no sentido da aquisição de conhecimentos pela criança.

Na escola, a relação entre adulto e crianças é de ensino, e tem como finalidade imediata aprender ou ensinar. É uma relação explícita para seus participantes. A criança entende qual o papel do professor e o que é esperado dela nesse contexto.Devemos entender que a mediação não acontece apenas quando o professor interfere diretamente numa atividade, mas a sua presença, a organização do espaço, dos objetos e dos horários são também exemplos de mediação.

Brougère (2001) nos atenta para o papel do educador na brincadeira, que deve ser construir um ambiente que possibilite e estimule a brincadeira. Um professor mediador constrói um ambiente também mediador do brincar. A importância do ambiente escolar estar adaptado e construído para e com a criança, e suas necessidades como foco, é muito relevante ao se pensar nas possibilidades de mediação do brincar na escola. As salas completamente ocupadas com mesas e cadeiras, que sempre devem estar organizadas da mesma forma, estantes fechadas e brinquedos guardados inibem o brincar. Não só o professor, mas também a equipe escolar, devem estar atentos à disposição de materiais nas salas. Assim como explica Pimentel (2007, p. 235):

[...] não é suficiente disponibilizar às crianças brinquedos e jogos; é fundamental organizar o cenário ludo-educativo e estabelecer modalidades interativas que extraiam os melhores proveitos da brincadeira para o desenvolvimento cognitivo.

A aprendizagem decorrente da brincadeira vem da experimentação que a atividade propicia. O professor pode possibilitar grande experimentação por parte das crianças. As maneiras de mediação que o professor pode utilizar no ambiente da educação infantil são muitas, basta que ele reconheça o valor dos

objetos, do ambiente, da sua ajuda e orientação e, principalmente, da sua organização, para assim possibilitar uma qualidade no brincar de seus alunos.

O brincar na Educação

Kishimoto (1990) aponta que a literatura educativa demonstra a importância do brinquedo, a partir da educação greco-romana, com Platão e Aristóteles. Essa valorização prossegue no Renascimento e explode no século XVIII, com a publicação de Emílio de J. J. Rousseau, cujas concepções acerca da educação de crianças giram em torno da especificidade da natureza infantil. No século XVII, alguns educadores perceberam a importância dos jogos na transmissão de conteúdos escolásticos de história, de moral e de filosofia, de forma a intensificar o uso de tais instrumentos no cotidiano das instituições escolares.

Deve-se mencionar que, na Idade Média, o jogo era desvalorizado, devido a sua vinculação com a questão do vício e do jogo a dinheiro, o que o fez ser banido das escolas. Desse modo, apenas no século seguinte, o jogo entrou no campo da educação e, de lá para cá, houve o aparecimento de muitas teorias voltadas para a valorização da questão do brinquedo e da brincadeira na educação e no sistema escolar.

Em 1837, Friedrich Fröebel (1782-1852), filósofo reconhecido como o primeiro a formular uma teoria abrangente de educação infantil, com um método detalhado sobre a sua implementação, criou em Blankenburg, na Alemanha, uma pré-escola (jardim de infância) onde o brinquedo e a brincadeira eram o cerne do trabalho pedagógico.

Dewey, Montessori e Decroly, entre outros, também contribuíram para o realce dado ao brinquedo, enquanto ação e objeto, no currículo pré-escolar. No Brasil, o movimento de valorização do brinquedo teve origem, segundo Kishimoto (1990), nas pioneiras unidades de jardins de infância instaladas no Rio de Janeiro (1875), São Paulo (1877) e Pará (1884) destinadas a educar crianças de três a seis anos, por intermédio de brinquedos oriundos da pedagogia fröebeliana.

Dessa forma, nas primeiras décadas do século XX, o brincar ainda era pouco explorado nas escolas, não havendo, portanto, a ação lúdica na sala de aula. Atualmente, observa Kishimoto (1999), o brincar está presente na escola ora com um significado extremamente diretivo, eliminando a liberdade que faz parte do processo lúdico, ora de uma forma aleatória, improvisada, sem a preocupação dos educadores, no sentido de compreender que nesse brincar há necessidade de objetos, de parcerias e de conteúdos, o que leva a uma atividade descomprometida do desenvolvimento da criança e, portanto, da sua aprendizagem.

Por outro lado, ao se entender o brincar como um processo facilitador tanto do desenvolvimento infantil como da construção do conhecimento da criança, a escola deve se preparar para criar espaços de brincadeira, onde os objetos, os brinquedos, os materiais, as informações e as regras do brincar devem fazer parte da formação do profissional, de forma a capacitá-lo na utilização de tal recurso como instrumento de desenvolvimento da criança. Nesse sentido, Duarte (1988) lembra, na "Apresentação" que faz do livro Significado e Função do Brinquedo na Criança à edição brasileira, que a "presença do brinquedo ativo e espontâneo é sinal de saúde mental e sua ausência, um sintoma de doença física e/ou mental".

Entretanto, Spodek e Saracho (1998) observam que é difícil definir o que é a brincadeira e um método utilizado pelos estudiosos para defini-la é determinar quando ela não ocorre. Assim, a brincadeira não é trabalho, não é real, não é séria, não é produtiva (Schwartzman, 1979).

Bruner (1986) acredita que o ato de brincar permite ao ser humano condições ótimas para explorar e desenvolver habilidades mais complexas e aponta cinco funções fundamentais da brincadeira, que são:

1. redução das conseqüências relativas aos erros e fracassos, sendo uma atividade que se justifica por si mesma;
2. permissão da exploração, da intervenção e da fantasia;
3. imitação idealizada da vida
4. transformação do mundo, segundo os nossos desejos;
5. diversão.

Bruner defende a utilização dos jogos, porque eles refletem alguns ideais que prevalecem na sociedade adulta, sendo uma forma de socialização, uma preparação para a ocupação de um lugar na sociedade e o jogar com outras crianças pelo prazer proporcionado pelo jogo facilita a fluência da criatividade. O autor ainda observa que a competição exacerbada nos jogos reflete um valor de nossa sociedade e difere de outras culturas.

Assim, a despeito das dificuldades de definição e das controvérsias suscitadas pelos diferentes teóricos, sobre o papel da brincadeira na educação da criança pequena, os quais enfatizam ora a importância dos comportamentos imitados, ora os aspectos de enriquecimento cognitivo, ora a possibilidade de socialização e de solução de conflitos emocionais, o brincar constitui-se em fonte instigante de preocupações científicas e, felizmente, ao permear as ações humanas, está presente em todas as culturas conhecidas. Um exemplo pode ser dado, segundo Medeiros (1988), em relação à brincadeira da Amarelinha, identificada em diversas culturas, cujo traçado semelhante a uma basílica parece representar, através do avanço da pedrinha rumo "ao céu", a necessária superação das dificuldades inerentes à vida, num processo de elevação espiritual.

Atrelada à importância que se constitui o brincar dentro de diferentes contextos, como em casa, na escola e em instituições especialmente organizadas para esse fim (brinquedotecas), ganha realce a figura do educador, conforme foi mencionado, pois, ao exercer suas funções, pode atuar como mediador entre as situações de brinquedo e a criança. Desse modo, o educador pode comportar-se como um bom ou mau mediador. É um bom mediador quando, ao compreender a cultura lúdica, é capaz de favorecer o desabrochar e o desenvolvimento das potencialidades de quem brinca, estimulando o recriar de situações e não apenas a repetição do já aprendido; ao contrário, assume o papel de um mau mediador quando, através de atitudes autoritárias, rígidas e maniqueístas, impede esse mesmo desenvolvimento.

Vygotsky (1989) foi um dos precursores ao assinalar a importância da mediação para a aprendizagem e o desenvolvimento mental da criança, enfatizando que o mesmo comporta dois níveis de desenvolvimento, ou seja, o nível de desenvolvimento real, o qual é determinado pela solução independente de problemas e a zona de desenvolvimento proximal, onde a solução do problema é alcançada sob a ação de um mediador.

Mais recentemente, o programa denominado Mediational Intervention Sensitizing Caregivers (MISC) tem se preocupado em formar o bom mediador, e essa formação se dá através de atividades, pinçadas de sua própria prática, organizadas em sessões de desenvolvimento profissional, cujo número varia entre dez a doze, tendo como objetivo a reflexão constante dessa prática e suas possibilidades de superação, por meio dos recursos inerentes a uma mediação de qualidade.

Assim, o programa só pode ser iniciado a partir da constatação do critério mediacional utilizado com maior freqüência pelo educador, a saber: a focalização, a expansão, a mediação do significado ou afetividade, a recompensa e a regulação do comportamento. Vale lembrar que, nem sempre, os educadores apresentam critérios mediacionais perfeitamente consolidados, não sendo incomum encontrarmos pessoas que apresentam padrões mediacionais seguramente de baixa qualidade, a ponto de pôr em risco o desenvolvimento das crianças.

Entretanto, conforme assegurou Feuerstein, em entrevista concedida a Moraes (1999) em sua última visita ao Brasil, são esses educadores que mais se beneficiam com as propostas oriundas de programas enfatizando a importância da mediação.

Assim, é desejável que o adulto que está presente no momento da brincadeira assuma a figura de um bom mediador, participando dela e ajudando as crianças a brincarem, porém, sempre tendo como referencial que a fantasia que deve ser respeitada é a da criança. É freqüente o adulto assumir posturas autoritárias ou rígidas como, por exemplo, reprimindo brincadeiras de ladrão, de revólver etc, sem enten-

der devidamente que, naquele momento, o que está em jogo não é o real, mas sim a sua representação através do brinquedo, ou seja, trata-se apenas de uma das linguagens, entre tantas outras, que a criança pode utilizar para representar esse real.

Lúdico, brincadeira, brinquedo, jogo...

São várias as tentativas de conceituar o lúdico, a brincadeira, o brinquedo e o jogo e, ao mesmo tempo, diferenciá-los. Na maioria das vezes, esses termos são utilizados como sinônimos, seja no cotidiano seja na literatura, específica, não apresentando, segundo os autores pesquisados, uma definição única. Por isso, qualquer tentativa de uniformização de conceito não é tarefa recomendável. Diante dessa dificuldade, no contexto deste trabalho, vamos utilizar a palavra lúdico como o espaço que envolve os brinquedos, as brincadeiras e os jogos. O brinquedo - como suporte da brincadeira - é o que a possibilita. O jogo enquanto atividade que possui regras estruturadas; a brincadeira enquanto atividade individual da criança ou de interação de crianças, utilizando objetos/brinquedos ou não, vinculando-a à satisfação e à diversão. (Santos & Koller, 2003).

Com um olhar para o componente social da brincadeira, Brougère (1998) afirma: a "brincadeira pressupõe uma aprendizagem social", pois a criança é iniciada na mesma na interação com pessoas de seu cotidiano. Essa inserção compreende uma comunicação e uma interpretação, que "supõe um contexto cultural subjacente ligado à linguagem, que permite dar sentido às atividades" (Brougère, 1998, p. 21).

Consoante o que já dissemos, a criança aprende a brincar e, para tanto, ela precisa conhecer e se apropriar do universo simbólico particular, para que, posteriormente, esses conhecimentos possam extrapolar o universo lúdico e ser utilizados em outros campos (Brougère, 1998). Nessa perspectiva, Huizinga (1996) concebe o jogo enquanto fenômeno cultural que é guardado na memória, transmitido pelas pessoas e tornado tradição.

É nesse sentido que Brougère (1998) fala numa cultura lúdica, entendida como um conjunto de procedimentos (regras e significações) que permitem tornar o jogo possível, construída nas interações sociais (permissões ou restrições), ou seja, por meio das intersubjetividades. Segundo o autor,dispor de uma cultura lúdica é dispor de um certo número de referências que permitem interpretar como jogo atividades que poderiam não ser vista como tais por outras pessoas" (Brougère,1998, p.24).

Para Brougère (1998), a produção da cultura lúdica acontece a partir do acúmulo de experiências lúdicas que ocorrem através das competências das crianças, sejam elas biológicas ou psicológicas. O termo "acúmulo" aqui utilizado não está relacionado à passividade da criança a aprender uma brincadeira, mas à capacidade que ela tem de interagir, dar significação em resposta à reação do outro, produzindo novas significações.

No entendimento da cultura lúdica, a brincadeira também é uma forma de interação criança/adulto. Altman (2002) nos traz como exemplo a cultura indígena, em que os meninos acompanham os seus pais na pesca e as meninas, suas mães nas plantações, no cozer mandioca, no carregar o irmão nas costas, na tipóia, e, depois, brincando, imitam os gestos e as atitudes dos pais, preparando-se para a vida adulta. É nessa interação que os pais construíam brinquedos para seus filhos com os elementos da natureza (sementes, casca de árvore, barro): bonecas e animais, por exemplo.

A atividade lúdica da criança com a utilização de objetos (brinquedos), no entanto, nem sempre depende da definição das formas que esses instrumentos apresentam. Benjamin (1984) ressalta a idéia de transformação de elementos os mais diversos, em brinquedos, realizada pela criança.

E embora resta à criança uma certa liberdade em aceitar ou recusar as coisas, muitos dos mais antigos brinquedos (bola, arco, roda de penas, papagaio) terão sido de certa forma impostos à criança como objetos de culto, os quais só mais tarde, graças à força da imaginação da criança, transformaram-se em brinquedos. (p.72)

O lúdico na psicologia histórico-cultural

Segundo essa perspectiva, a brincadeira é vista como uma atividade essencial, mesmo a principal, ao desenvolvimento infantil, uma vez que ela prepara o caminho de transição de um estágio de desenvolvimento para outro e que, através dela, ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico. Nas palavras de Vygotsky (1984):

O brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas - tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade de brinquedo. Somente neste sentido o brinquedo pode ser considerado uma atividade condutora que determina o desenvolvimento da criança. (p.117)

A importância do jogo se manifesta, ainda, na possibilidade de realização de desejos que não possíveis no "mundo real". A solução encontrada pela criança é envolver-se num mundo imaginário e ilusório chamado brinquedo, conforme aponta Vygotsky (1984). Observam-se, frequentemente, em brincadeiras de crianças, questões recorrentes ligadas a assuntos familiares, nas quais estão presentes a estrutura familiar e a de papéis (pai, mãe, filhos etc.). Nessas brincadeiras, as crianças "copiam" e (re)criam regras de conduta, vivenciadas na realidade. Vygotsky (1984) e Leontiev (2001) concordam que os significados e sentidos aí manifestos vão sendo construídos no decorrer da brincadeira.

O brinquedo proporcionará às crianças a livre substituição (capacidade de substituir um objeto pelo outro). Essa capacidade possibilita à criança atingir uma definição funcional de conceitos e objetos, desenvolver o pensamento abstrato e aprender regras, valores e modelos dos adultos. Wallon (1986a) diz que a criança:

brinca servindo-se de qualquer objeto: faz de um pedaço de pau entre as pernas um cavalo e, com um chapéu de papel sobre a cabeça, brinca de soldado. Faz de conta que é locomotiva, por meio de gestos mecânicos com os braços e as pernas e de respirações sonoras e ritmadas. (p. 93).

Um outro aspecto importante com relação ao brinquedo é que ele permite criar uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) em que a criança vai além do comportamento habitual da sua idade. Conceito criado por Vygotsky (1984) que significa a distância entre o desenvolvimento real (aquilo que a criança consegue fazer sozinha) e o desenvolvimento potencial (aquilo que a criança já consegue fazer com a ajuda do outro - adulto ou criança num nível mais elevado). Por exemplo, ao brincar com a boneca, desenvolve algumas atividades semelhantes àquelas desempenhadas pela mãe.

Leontiev (2001) aponta que, em cada estágio de desenvolvimento, a brincadeira tem algo que lhe é específico. No período pré-escolar, há predomínio da situação imaginária e do papel expresso nos jogos de enredo (de papéis) que compõem o universo das brincadeiras pré-escolares; porém, a regra lhes fica latente. Esses jogos de enredo vão evoluindo, tornando-se jogos de regra, como "esconde-esconde"; nestes, a situação imaginária e o papel tornam-se latentes e a regra explícita. Nas palavras de Leontiev (2001):

"Um traço marcante dos jogos, com uma situação imaginária desenvolvida e relações sociais, é precisamente o de que surge neles um processo de subordinação às regras da ação, processo este que surge das relações estabelecidas entre os participantes do jogo." (p.136)

Conforme apresentado acima, as teorias psicológicas demonstram as contribuições da brincadeira e o ECA a concebe como um direito essencial à vida da criança. Embora esteja presente em Lei, nem todas as crianças podem desfrutar desse direito; as crianças que trabalham são exemplos disso, uma vez que têm restrições impostas pelo tempo ocupado nessas atividades. Essa realidade é bem sintetizada por Vogel e Mello (1992):

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos assim que o ato de brincar possi-

bilita o processo de aprendizagem da criança, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem.

As transformações globais reverberam na educação infantil, o desenvolvimento humano, como as crianças aprendem foram inúmeras pesquisas e descobertas desta forma a educação infantil passou de ser assistencialista para a educação ,mas não podemos escolarizar essa etapa pois as crianças de 0a 6 anos aprendem muito brincando, podemos sim potencializar essas brincadeiras para o incentivo a criatividade, a socialização entre outros.

Favorecer a brincadeira na educação infantil não significa simplesmente deixar que as crianças brinquem, sem que seja feita nenhuma intervenção. De acordo com Ayoub (2001), quando o adulto abre mão da sua mediação no processo educativo, a situação pode ser chamada de abandono pedagógico. A autora afirma que é justamente no contexto da brincadeira que o professor descobre o seu papel, que é o da mediação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base. Disponível em: .

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BROUGÈRE, G. Jogo e educação . Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. Brinquedo e cultura . 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Bruner, J. (1986). Juego, pensamiento y lenguaje. Perspectivas , 16(1), 79-86.

Kishimoto, T. M. (1990, junho). Teorias, pesquisas e organizações que valorizam o jogo na educação pré-escolar; o exemplo da brinquedoteca. Cadernos do EDM, FEUSP, 2(2).

Kishimoto, T. M. (1999). Brincadeiras na educação [Entrevista concedida a Luís Barco no programa de Televisão Terceiro Milênio - Rede Vida[. São Paulo.

FRIEDMANN, Adriana. A arte de brincar. Petrópolis: Vozes, 2004. PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989. WINICOTT, Donald Woods. O Brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975

FONTANA, R. A. C. Mediação pedagógica na sala de aula . 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

FREIRE, J. B. O jogo: entre o riso e o choro. Campinas: Autores Associados, 2002.

UNICEF. (2003). Situação da infância e adolescência brasileiras 2003 Brasília, DF: Autor.

Vectore, C. (1989). Professores, pais e pré-escola: Uma pesquisa exploratória em pré-escolas públicas e particulares. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Vygotsky, L. S. (1989). : .A formação social da mente< -.3pt'> (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Wajskop, G. (1999). 500 anos de Brasil: A formação continuada de professores... Meta de qualidade! Criança, (33), 12-15.